

Telma Bessa Sales*

Um olhar sobre as mudanças no mundo do trabalho

RESUMO: Problematizando as mudanças no mundo do trabalho, discutimos os significados que os trabalhadores atribuem a esse processo, a partir da implementação da reestruturação produtiva na fábrica da Volkswagen de São Bernardo do Campo. Importa ressaltar os depoimentos dos trabalhadores em diálogo com outras fontes: imprensa sindical, documentos da empresa, estudos e relatórios sobre o processo de reestruturação produzidos, focalizando especialmente, a ferramentaria e os trabalhadores ferramenteiros, abordando questões sobre transformações das profissões na indústria metalúrgica brasileira.

Palavras-chave: trabalhadores, experiência, reestruturação produtiva.

I ntrodução

*Ó, não dá tempo de ver muito as coisas que estão mudando, né? Vai acontecendo, quando você vê, já aconteceu (...)
A pessoa não percebe, não tem aquele impacto, mas vai indo, bem devagarzinho, vão eliminando... não tem choro não, chegou a hora, vai embora... (Antônio César, trabalhador ferramenteiro da VW/SBC/SP)*

A mutação do mundo do trabalho é uma das características centrais no início do século XXI. Reconhecendo a força desta temática e os múltiplos estudos nas áreas de ciências humanas, economia, sociologia, psicologia do trabalho, história, convém ressaltar que este artigo se reporta a uma pluralidade de interpretações, e como as mudanças oriundas da reestruturação produtiva, estão presentes no imaginário e na memória de trabalhadores, ao longo dos anos, construindo assim um mosaico de análises e leituras num campo pleno de tensões.

Ao dialogar com diversas visões sobre este processo, chamado por alguns de terceira revolução industrial, destaca-se o período atual no qual se percebe de forma mais intensa, várias discussões sobre o futuro do trabalho, o desemprego, a eliminação de postos de trabalho, extinção de profissões, necessidade de tempo livre para todos, bem como à centralidade do trabalho na sociedade hoje.¹

A abordagem do artigo não é feita do ponto de vista empresarial, das instituições sindicais ou das comissões de fábricas. Interessa aqui, refletir não as estruturas, os movimentos institucionais, mas a vivência dos trabalhadores, em especial, os metalúrgicos da fábrica Volkswagen, incluindo dimensões como os hábitos e o cotidiano de trabalho, o lazer, ritmo e tempo do trabalho, as relações com colegas de setor e chefia, e, além disso, levando em conta esse contexto, a análise é permeada de reflexões sobre as experiências vividas e narradas pelos trabalhadores em seu próprio fazer-se histórico.

Enfim, é uma abordagem que vê o trabalhador em suas ações e reações, resistências e aceitações e não apenas como espectador ou vítima dos acontecimentos, ou seja, as experiências dos trabalhadores expressando suas subjetividades e visões de mundo.

Desta forma, cabe pensar as relações sociais vividas pelos trabalhadores, os sentidos que estes atribuem à vida na cidade, como vão se construindo historicamente na relação com os outros trabalhadores, com a comunidade, a família, considerando-se que essa dinâmica social é contraditória, vivida num campo de forças de conflitos. Considera-os além do trabalho no chão da fábrica, além do seu engajamento social e/ou político, procurando refletir sobre a vida dentro e fora da fábrica, buscando as suas próprias experiências de trabalhadores, suas histórias de vida, as diversas maneiras de ser, trabalhar e ver o mundo.

¹ A Revolução Tecnológica, também é denominada de terceira Revolução Industrial ou pós-industrial. A expressão Revolução Informacional admite que as mudanças estão relacionadas muito mais à tecnologia da informação do que exclusivamente a equipamentos industriais. Nossa interpretação é que as conseqüências advindas dessa revolução não se restringem ao campo do trabalho, mas perpassa o conjunto da sociedade.

Considerando estas análises é enriquecedor ainda, discutir as experiências dos trabalhadores na tentativa de desvendar práticas e lutas destes, e como os mesmos deixam suas marcas, demarcam seus lugares e constituem modos de viver, morar e trabalhar. Esta é uma reflexão que também contempla a realidade das lutas sociais por direito ao trabalho, aos espaços de moradia e melhores condições de vida.

Tal abordagem vê o trabalhador além de seu engajamento sindical ou político, reiterando a afirmação de (FENELON: 92) ao dizer que:

A preocupação de acompanhar as realizações apenas das lideranças e dos segmentos ativistas do proletariado obscureceu o exame da vivência (...) negligenciou forças

culturais importantes incluindo-se aí a vida em família, os hábitos e costumes sociais, a religiosidade (...) enfim, o viver no campo e na cidade em uma época de transformação.

Nesta dimensão, pensar a presença dos trabalhadores na cidade é fundamental, porque entendo que a experiência vivida por tais indivíduos – à qual chamamos de cultura –, passa a ser compreendida como um conjunto de valores expressos em suas tradições, costumes, religiões, nos hábitos alimentares, nas formas de moradia, experiências de trabalho, festividades e crenças, valores estes que permeiam a vida e as relações sociais dos indivíduos. Assim, a ótica de visão passa a ser a observação dos trabalhadores através da forma como vivem o trabalho, no cotidiano, no bairro, como interpretam o vivido, tendo apoio na noção de cultura, entendida como “experiências vividas pelos sujeitos”²

De uma forma geral, a incorporação do estudo dos trabalhadores nos espaços urbanos pode ser considerada como a incorporação de um novo “agente social” no estudo histórico, e possibilita um novo referencial sobre o tema, não mais privilegiando apenas os aspectos econômicos e políticos desta inserção na sociedade brasileira, mas pensando também, nos aspectos culturais e sociais desses grupos e na importância desses valores na formação da identidade brasileira.

Importante também é exatamente pensar cultura como vivência, e cultura e memória como campos de disputas. Essas experiências de trabalhadores de um determinado período histórico é que demarcaram diferentemente a cidade e no caso, a categoria metalúrgica.

Pensando em voz alta... Memórias... Histórias

A experiência do trabalho, narrado pelos diferentes trabalhadores entrevistados, tem marcas de suas trajetórias de vida, que, articula-se, com uma categoria muito mais ampla, que tem uma história social composta de várias outras experiências. As memórias desta categoria vão sendo preservadas nessas tensões e o seu significado vai sendo construído e reelaborado por cada um de seus componentes. Nessa perspectiva, compreende-se que, os sujeitos que vivenciam a indústria metalúrgica, assim como outros sujeitos históricos, “compõem” um passado com o qual possam conviver, no qual se apóiam, e que seja reconhecido dentro da “comunidade específica” e da sociedade mais ampla em que convivem. A este respeito (THOMSON: 1997 p.57) comenta que as “(...) reminiscências são passados importantes que compomos para dar um

² Acompanhamos aqui os historiadores Raymond Williams e Edward Thompson que, ao incorporarem elementos da cultura na categoria analítica “experiência”, estão valorizando além de elementos políticos e econômicos na análise crítica, os sujeitos sociais e seus costumes, suas tradições, seus modos de vida e suas redes de relações familiares e de sociabilidade. Cf. “O termo ausente: experiência”. In: THOMPSON, E.P. A miséria da teoria: ou, um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 194, em que traz uma reflexão importante ao afirmar que os valores são “aprendidos na experiência vivida” e que dessa forma estão “sujeitos à sua determinação”. Para uma consideração acerca do conceito de cultura, consultar: “Cultura”, “Tradições, instituições e formações”, “Dominante, residual e emergente” e “Estruturas de sentimento”. In: WILLIAMS, R. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes”.

Através de memórias (orais e escritas) e outros documentos, pode-se analisar modos de viver de trabalhadores e como foram constituindo a si mesmos e a cidade ao longo de quase meio século. Ou seja, considerar os processos que os trabalhadores desenvolveram uma rede de relações sociais intensa, onde o trabalho é valorizado como um espaço de memórias de experiências vividas.

Na compreensão que “a memória é um campo amplo para o historiador que pode refletir sobre as múltiplas experiências dos sujeitos analisados”, considero que os sujeitos sociais que vivenciaram o espaço da fábrica metalúrgica, assim como outros sujeitos históricos, “têm a necessidade de elaborar um passado, uma memória, que dê sentido às suas experiências pessoais”. E deve-se sempre levar em consideração as particularidades das memórias individuais e também a pluralidade dos depoimentos, que podem ser compreendidos como pluralidade de “versões” sobre o passado – e o presente – de ser trabalhador metalúrgico. A esse respeito Alessandro Portelli comenta que cada indivíduo “é um amálgama de grande número de histórias *em potencial*, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados... Nossa arte de ouvir baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência (...). E cada entrevista é importante, por ser *diferente* de todas as outras”. (PORTELLI:1997:p.17).

Nesse sentido, o interesse por estudar os trabalhadores é um interesse em problematizar as trajetórias destes diferentes sujeitos sociais, indagando sobre as diferentes maneiras com que se constituem e se expressam. Por sujeitos sociais entendemos aqueles que se formam “histórica e culturalmente num processo em que as dimensões individual e social são intrinsecamente imbricadas. Esses sujeitos são moradores da cidade (...) vivendo experiências de trabalho, construindo modos de viver e de se organizar (...) com bagagens culturais diferentes, com perspectivas futuras diversificadas, enfrentando ou não processos de exclusão, marginalização e segregação social (...), como aponta (KHOURY: 2000 p. 80).

Portanto, existe ainda muito da história e da cultura nesta categoria específica – metalúrgica, a serem investigadas.

Compreendendo a história como “um campo de possibilidades”, percebemos também que a história “é a experiência humana e que esta experiência, por ser contraditória, não tem um sentido único, homogêneo, linear, nem um único

significado. Desta forma, fazer história como conhecimento e como vivência é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender por que o processo tomou um dado rumo e não outro”. Nessa perspectiva, valoriza-se então o papel ativo dos múltiplos sujeitos históricos e a noção de “processo” de constituição de si mesmos é fundamental. Processo entendido como “experiência.”³

Thompson afirma que a lógica histórica trabalha no diálogo dos conceitos e evidências. Ou seja, as interpretações históricas situadas no presente debruçam-se sobre as determinações objetivas das evidências, dos processos históricos concretos plenos de experiências. Nesta perspectiva o conhecimento histórico é seletivo e em permanente construção com novos documentos, novos olhares se constituindo, colocando sempre em diálogo aberto as hipóteses/conceitos de um lado, com relação as evidências de outro, num movimento de mútua influência. Os conceitos devem estar abertos ao diálogo com as determinações objetivas concretas das evidências. Cabe aqui uma conexão às reflexões de Raymond Williams ao discorrer sobre a cultura no seu livro *Marxismo e Literatura*, no sentido de orientar que “os conceitos que participamos, não são conceitos, mas problemas, movimentos históricos ainda não definidos”. Compreende-se que é importante, repensar velhos problemas com novos olhares, levando em conta reflexões essenciais como a relação passado/presente e o caráter interpretativo da História.

Dialogando com os trabalhadores metalúrgicos

De maneira especial, neste artigo, há um diálogo com as narrativas de trabalhadores metalúrgicos – ferramenteiros da VW de São Bernardo do Campo/SP. Desta forma, este diálogo buscou enfatizar, como indica Richard Hoggart, *em ver além dos hábitos, aquilo que os hábitos representam (...) as verdadeiras raízes da vida*. (HOGGART: 1973)

Trabalhadores como Antônio César, por exemplo, compõem um contingente de homens que vivem na pele a reestruturação produtiva em seu setor de trabalho e, porque não dizer, vive o impacto das mudanças em suas vidas.

A frase inicial deste artigo remete à narrativa de um ferramenteiro que, aos 19 anos de idade, ingressou na “família Volks” atendendo ao seu chamado, que segundo ele “era um estouro”, “catava gente a laço”... Ou seja, para ser operário desta indústria, no ano de 1969, bastaria ouvir o convite e começar a trabalhar.

Neste Brasil, durante o crescimento da industrialização, destaca-se o discurso sedutor utilizado pelas empresas para arrematar trabalhadores, formar uma

³ KHOURY, Yara Aun. “Narrativas orais na investigação da História Social.” In: *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP* São Paulo: Educ., n. 22, 2000, p. 80.

comunidade de trabalho, como pode se verificar neste documento que recepciona novos trabalhadores na década de 1960:

Companheiro, seja bem vindo! Você a partir de hoje, faz parte da família VW. Aqui encontramos e fazemos amigos. Trabalhando lado a lado, em uma harmoniosa equipe. Por outro lado, é necessário que compreenda a importância de todos dentro da organização, suas responsabilidades e direitos... (VW – 1969 – mimeo – Arquivo do Sind. Metalúrgicos do ABC)

No decorrer de sua história esta fábrica do setor automobilístico implementou inúmeras mudanças na sua estrutura produtiva, como a introdução de robôs no início dos anos 1980, máquinas como CNC, métodos como a implantação de células de produção nos anos de 1990 e outros investimentos significativos para o aumento da qualidade do seu produto, conforme pode-se verificar no boletim do Sindicato, e na chamada grande imprensa, o que demonstra um diálogo entre a categoria e a empresa cheio de tensões e conflitos durante a implementação de mudanças ⁴.

Antônio César, em um dos seus relatos, fala deste momento da chegada das multinacionais no país, onde trabalhou no almoxarifado, conferindo parafusos, controle de material. Ele faz um comparativo entre a época em que ingressou na VW e os dias atuais. Hoje, vê seu filho e amigos “correndo atrás” de um emprego, vê as dificuldades e processos seletivos (falar inglês, currículo...) existentes no setor industrial, além de colegas de fábrica ser demitidos e não conseguirem vagas em outras empresas. Nota-se uma diferença substancial neste percurso: a introdução das multinacionais no país, onde se via a expansão do setor industrial com uma possibilidade maior de “fazer carreira” e ingressar numa fábrica, e atualmente, em que se percebe uma conjuntura de desemprego estrutural e exclusão social.

Atualmente após mais de 30 anos, está aposentado. É importante conhecer a sua trajetória, que permite acompanhar as mudanças ocorridas dentro da VW, no processo de reestruturação produtiva. Sua vida foi um constante aprendizado, o “fazer-se” deste trabalhador, suas experiências em vários empregos – alfaiate, funileiro, almoxarifado, operador de máquinas, afirma-o enquanto sujeito ativo, um profissional que vai tecendo, construindo seu crescimento dentro do campo profissional. Sua qualificação profissional constituiu-se ao longo dos anos de experiência dentro da mesma fábrica.

⁴ Jornal Tribuna Metalúrgica. SBC. 26/01/1982; Jornal Folha de São Paulo, 14/5/1986.

Parece importante lembrar esta alteração no perfil do trabalhador brasileiro, na qual, constata-se que não há mais espaço para um operário que desenvolve anos e anos de experiência em um só local de trabalho. Esta realidade não se refere somente ao setor industrial, mas também no setor de serviços como informa o professor José Dari Krein da UNICAMP, ao comentar uma pesquisa sobre o impacto das inovações tecnológicas no setor de serviços, a partir de uma pesquisa em empresa no setor de telecomunicação, na década de 1990. Segundo este autor, há um novo perfil do trabalhador brasileiro:

Chama a atenção, por exemplo, a queda drástica do número de trabalhadores com mais tempo de empresa, em troca de uma força de trabalho mais jovem e que ganha menos apesar da maior escolaridade: em 1995, 53% dos empregados tinham mais de dez anos de empresa; em 2003, eram apenas 12,3%. É uma renovação absoluta.⁵

O orgulho de ser da empresa há muito tempo, em ter acompanhado as alterações dentro do local de trabalho, conforme constatamos na experiência de Antônio César, não faz parte da vida do trabalhador hoje.

Há um destaque na reflexão sobre novos valores subjacentes a nova lógica do trabalho, feito por (SENNET:1999), onde aborda que a nova maneira de organizar o tempo de trabalho é que se acabou o ‘longo prazo’. No trabalho, a carreira tradicional está morrendo. Está se mudando o próprio sentido de trabalho, onde o ‘emprego’ está sendo substituído por ‘projetos’ e ‘campos de trabalho’. Não há longo prazo “é um princípio que corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo, pois, esses laços levam tempo para surgir”.

São dois períodos históricos diferenciados. Os novos processos de trabalho, aliados as novas tecnologias, ligadas a informática/telemática implicam em outras exigências, considerando ainda, a eliminação de postos de trabalho e uma profunda mudança na natureza do trabalho concreto do ferramenteiro, com alterações nas relações e métodos de trabalho, verificando-se a perda do conteúdo do trabalho e a produção da obsolescência humana, conforme indica PASTORE em artigo no Jornal Folha de São Paulo: “*Não há nada mais trágico do que ouvir de um chefe: lamento dizer, mas o que você sabe não é mais útil para nós*”⁶.

Aqui, o sentido da palavra “obsolescência”, não se refere apenas ao que está em desuso, sugere o “não usável”, “o que não serve mais”, antiquado, atrasado, atrofiado.

Fazendo uma articulação entre novas tecnologias/desemprego e qualificação profissional, é possível ver a ambigüidade da reestruturação: ao mesmo tempo

⁵ Jornal da Unicamp, Edição 295 - 1 a 7 de agosto de 2005.

⁶ Cf. José Pastore. “O Trabalho na virada do século” In: Folha de São Paulo. Caderno Empregos, 02 de janeiro de 2000.

em que há uma redução do número de trabalhadores, o serviço após as novas maquinarias é melhor, mais rápido, o que leva Antônio César a afirmar

Agora é época de tecnologia, um torno programado tira emprego de dez bons profissionais, com mais qualidade e rapidez. É assim: encaixa um aqui, outro ali... Vai diminuindo sem o pessoal perceber.

Os efeitos da automação podem ser drásticos. Um dos mais graves é o desemprego. Segundo parâmetros médios, a implantação de uma máquina-ferramenta com CNC pode implicar na dispensa de quatro a oito operários; já o robô, de cinco a sete; e o CAD/CAM, de dois a 20 trabalhadores. Estudos feitos nos EUA demonstram que, somente na década de 80, cerca de 7 milhões de empregos na indústria e de 30 milhões em escritórios e bancos foram aniquilados pelas novas tecnologias.

No Brasil, as conseqüências também são sentidas. O Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômica (Dieese) constatou que as prensas automatizadas, por exemplo, executam 25 golpes por minuto - contra apenas 10 efetuados pelas máquinas tradicionais. Já a troca de ferramentas, que antes era realizada em até cinco horas, passou a ser feita de forma automatizada em 25 minutos. O saldo final é que o operador de CNC produzia o equivalente a 21 prensistas do sistema antigo.

De forma contraditória embora exista talvez um certo “fascínio” frente as tecnologias, há compreensão de que o trabalho é mais difícil e qualificado na máquina convencional, anterior a tecnologia, como aponta GENNARI: 1997:38 em seu livro “Automação, Terceirização e Programas de Qualidade Total”, o que traz uma reflexão sobre a tradição e o orgulho do ofício, o saber profissional que era valorizado e tradicional e que está sendo eliminado com a introdução das tecnologias. Ou ainda como informa Antônio César:

... Antes não tinha máquina computadorizada, então era mais difícil, trabalhoso, exigia mais de você. Fazia a peça manualmente, não era qualquer um que podia fazer este tipo de trabalho de ferramenteiro. Agora não, com máquina programada o acabamento sai com mais precisão e melhor. Então a gente sente que era mais valorizado e a profissão era mais respeitada.

Vale destacar a reflexão de Benjamin Coriat, na qual aponta que “microcomputadores ou terminais de computador instalados em máquinas

podem permitir - antecipando informações sobre a velocidade do corte, a frequência de utilização de cada ferramenta, os tempos perdidos que separam duas operações - o exercício de um controle rigoroso de ritmos, da cadência do trabalho, bem como da frequência com que as peças são aceitas” e assim, a microeletrônica, diminui ainda mais a autonomia operária.

Nos dias atuais percebemos uma intensa exclusão social, cultural, política e econômica em nosso país. O desemprego, segundo afirma uma pesquisa da Fundação Seade e Dieese, é preocupante. Um desempregado na grande São Paulo demora mais de um ano para conseguir ocupação na região metropolitana de São Paulo.⁷ É o chamado “desempregado crônico”, e quanto mais tempo ele (o trabalhador) passa fora do mercado de trabalho, menores são suas chances de conseguir nova ocupação.⁸

Vimos na história da VW que, nos anos 60 e 70, esta “corria atrás” dos trabalhadores. A qualificação dos trabalhadores anteriormente acontecia na prática, na experiência de trabalho dentro dos setores da fábrica. “A vida ia ensinando”. Contrastando com esta realidade, hoje para conseguir um emprego, é necessário apresentar currículo. A especialização é passaporte para um emprego. A qualificação é exigência anterior à contratação.

Neste processo de mudanças, milhares de trabalhadores foram demitidos. Na VW, por exemplo, em janeiro de 1980, havia 37.210 trabalhadores. Em janeiro de 1990, o número de trabalhadores reduziu para 27.952. Percebemos um quadro de quase 10 mil trabalhadores fora da fábrica.⁹ Esta tendência vai se firmando: em janeiro de 1995, havia 22.420 trabalhadores, ao passo que, em janeiro de 2000 há 17.382 trabalhadores na ativa. Onde estão os 9.258 trabalhadores que foram para fora da fábrica nesta década? E os 5028 demitidos no ano de 1999?

Mais de três milhões de postos de trabalho foram eliminados, desde o início do ano de 1990. Mais de 50% da PEA tinha acesso à carteira de trabalho assinada em 1980. Hoje, este índice caiu para menos de 30% dos trabalhadores. Isto pode significar um crescente desemprego, crescimento do trabalho informal e a precarização do trabalho¹⁰.

O saber construído pelos trabalhadores não é contemplado pelas novas máquinas e métodos de trabalho. Assim, a formação polivalente, as novas tecnologias são fatores excludentes e não formas de abertura de novas perspectivas para os trabalhadores aposentados/entrevistados.

⁷ Folha de São Paulo, 18/02/2000

⁸ MATOSO, Jorge. *O Brasil desempregado*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1999.

⁹ Tabela do Dieese – Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Mimeo.

¹⁰ Revista Carta Capital. São Paulo, 16 de Agosto de 2000.

Para o ferramenteiro, por exemplo, há sentimentos de alegria e orgulho em ter 30 anos de VW e ao mesmo tempo, tristeza e apreensão, por se sentir “obsoleto”. Este, tem medo do desemprego e insegurança, frente à vida como aposentado.

Antigamente, o trabalhador era valorizado por sua vasta experiência em uma só empresa, por ser assíduo, dedicar-se totalmente àquela empresa, e atualmente as exigências são outras. Hoje, os trabalhadores são estimulados ao engajamento em novas formas de qualificação profissional (fazer cursos e operar várias máquinas), introduzindo uma visão de capacitação para enfrentar o tipo de trabalho que é exigido; se não o fizer, o trabalhador não será capaz de manter-se no sistema. Mudou o perfil do trabalhador? Este consegue ter uma visão do complexo automotivo em que trabalha?

Ao vivenciar todas essas mudanças, a segurança que um trabalhador tinha na VW de trabalhar na mesma empresa trinta e dois anos, como Antônio César, não existe mais. Talvez por isso mesmo ele afirme que antigamente, podia comprar e fazer uma prestação de trinta e seis meses, porque sabia que seu emprego estava “garantido”; hoje, não faz mais nenhuma prestação porque não sabe até que dia ele vai “servir” ou não, para o trabalho da empresa.

Isso nos leva à reflexão sobre a ação do sindicalismo hoje. Constatamos um refluxo dos movimentos e, talvez, até mesmo, a idéia de que o sindicato não consegue (sozinho) responder aos desafios atuais.

Por que, podemos indagar, o sindicato não tem força de mobilização? Quais as preocupações e prioridades da ação sindical hoje? Como se desenvolvem as lutas sindicais atualmente? Como os trabalhadores interpretam o movimento sindical? Quais as ações desenvolvidas pelo sindicato no sentido de apoiar os trabalhadores desempregados? Há iniciativas específicas, envolvendo os que estão fora da fábrica? O trabalhador é considerado além de seu engajamento sindical, por exemplo?

Por outro lado, é importante considerar a “avalanche” das mudanças no mundo do trabalho, que possivelmente “encurralou” o sindicato, encontrando-o “despreparado” frente às dinâmicas de tais mudanças. O sindicalismo sentiu o golpe destas mudanças, que modificou os ambientes produtivos e encolheu as categorias de trabalhadores.

Podemos falar que estão em curso, propostas de reforma previdenciária, tributária... Há diversas análises sobre as conseqüências das alterações na legislação; como efetivá-las, a quem beneficiam etc. Isso pode significar que estão em disputa os direitos historicamente conquistados pelos trabalhadores.

Como pensar a sociedade do futuro? Qual o futuro das próximas gerações? E o futuro do trabalho? São questões permanentes que nos levam a pensar sobre os trabalhadores. Estes, não poderão ser esquecidos, quantificados, padronizados. Suas experiências, relações, modos de viver e trabalhar escapam às teorias generalizantes e eles continuam na luta e, de forma fragmentada e plural afirmam que o mundo da fábrica, da casa, do clube, é o mundo onde se realizam e se sentem gente.

ABSTRACT: This article deals with changes in the world of work, specifically the implementation of the restructuring of production in the Volkswagen factory in Sao Bernardo do Campo/SP during the eighties and nineties. It points out and analyses the significance attributed by the workers to this process. We use the oral history method, our study centers on the testimony of the VW workers who lived the process.

Key-words:

Workers, Experience, the Reestructured production process.

Referências

CORIAT, Benjamin. “*A revolução dos Robôs*”. Editora Busca Vida, São Paulo, 1989.

FENELON, Dea. “Trabalho, Cultura e Investigação Social: Perspectivas de Investigação”. In: *Projeto Histórico*, n. 4, SP: PUC, junho, 1985.

_____. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa, revista *Projeto História*, n. 10, EDUC, 1994.

GENNARI, Emilio. *Automação, terceirização e programas de qualidade total*. São Paulo:CPV, 1997.

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos*. v. 1 Lisboa: Presença, 1973

KHOURY, Yara Aun. Muitas Memórias, Outras Histórias: Cultura e o Sujeito na História. In: *Muitas Memórias, Outras Histórias*. Déa Fenelon Ribeiro, Laura Antunes (Org). São Paulo, Olho D’água, 2004.

_____. Entre o individual e o coletivo: narrativas orais na investigação histórica. In: *Revista Projeto História, História e Oralidade*, n. 22. 2000

LEITE, Márcia Paula. *O futuro do trabalho*. São Paulo, Scritta, 1994.

MATOSO, Jorge. *O Brasil desempregado*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1999.

_____. Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho”. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: *Projeto História* n. 15, São Paulo, abril de 1997.

REBECCHI, Emílio. “*O sujeito frente à inovação tecnológica*”. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1990.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias”, In: *Projeto História* n. 15, São Paulo, 1997

THOMPSON, E. P. *A Formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, v. 01, 2001.

THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria: ou, um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.